

ASPECTOS DE UM SUPOSTO PARAÍSO: O VERDE, A SEGURANÇA E AUSÊNCIA DE RUÍDO NA CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA PAISAGEM URBANA

ASPECTS OF A SUPPOSED PARADISE: GREEN SPACES, SECURITY, AND ABSENCE OF NOISE IN THE CONSTRUCTION OF A NEW URBAN LANDSCAPE

Suelen Caldas de Sousa Simião ¹

RESUMO: Dados de 2023 indicam a existência de 747 urbanizações privadas entre *countries* - denominação dada para o que, em uma aproximação com o Brasil, chamaríamos condomínios fechados – e bairros privados apenas para a Região Metropolitana de Buenos Aires. O objetivo desse artigo é efetuar um recorte para pensar os impactos não apenas urbanos, como também ligados aos processos de sociabilidades, a partir de três portas de entrada que se configuram em torno dos discursos sobre o verde, a segurança e a ausência de ruído como indicadores de “qualidade de vida” e na configuração de uma nova paisagem urbana.

PALAVRAS-CHAVE: urbanizações privadas; sociabilidades; região metropolitana de buenos aires; condomínios fechados.

ABSTRACT: Data from 2023 indicates the existence of 747 private developments, including *countries* — a term used in Argentina that closely resembles what we would call gated communities in Brazil — and private neighborhoods, only in the Buenos Aires Metropolitan Area. This article aims to explore the impacts, not only on urban dynamics but also on sociability processes, through three key lenses: discourses surrounding green spaces, security, and the absence of noise as indicators of 'quality of life,' and their role in shaping a new urban landscape.

KEYWORDS: Private Developments; Sociabilites; Buenos Aires Metropolitan Area; Gated Communities.



10.23925/2176-4174.v3.2024e68831

¹ Doutorado em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9261-3645> E-mail: suelen_caldas@hotmail.com

Recebido em: 25/10/2024.

Aprovado em: 25/11/2024.

Publicado em: 25/11/2024.

Introdução

Em 2000, a Região Metropolitana de Buenos Aires (RMBA)² possuía 351 bairros fechados para uma população de cerca de 50.000 habitantes e de acordo com Thuillier (2006), na escala de 13 milhões de habitantes, os 300 quilômetros quadrados ocupados por esses loteamentos constituíam uma superfície maior que a cidade de Buenos Aires.

Em 2006, num curta documental elaborado pela renomada diretora argentina, Lucrecia Martel, atestava-se que as urbanizações privadas ocupavam um total de 360 quilômetros quadrados, quase o dobro da superfície da cidade de Buenos Aires³. Dados de 2022 da Wikimapia⁴, plataforma que mantém de forma colaborativa com usuários uma lista georreferenciada de urbanizações privadas, indicam a existência de 747 urbanizações entre *countries* e bairros fechados na RMBA. *Country club* é a denominação dada ao que, em uma aproximação com o caso brasileiro, chamaríamos de condomínios fechados.

Tais urbanizações, que também se estendem a megaemprendimientos ou às chamadas cidades privadas, estabeleceram-se na Argentina sobretudo a partir de 1970, com um *boom* de construções em 1990, e tem despertado o interesse de diversos pesquisadores como urbanistas, geógrafos, sociólogos e psicólogos buscando compreender o fenômeno, que tem impactos não apenas urbanos como também sensíveis a partir dos processos de sociabilidade em sua relação com o espaço urbano.

² A Região Metropolitana de Buenos Aires é formada pela área geográfica que abarca a Ciudad Autónoma de Buenos Aires e os partidos: Almirante Brown, Avellaneda, Berazategui, Berisso, Brandsen, Campana, Cañuelas, Ensenada, Escobar, Esteban Echeverría, Exaltación de la Cruz, Ezeiza, Florencio Varela, General Las Heras, General Rodríguez, General San Martín, Hurlingham, Ituzaingó, José C. Paz, La Matanza, La Plata, Lanús, Luján, Lomas de Zamora, Malvinas Argentinas, Marcos Paz, Merlo, Moreno, Morón, Pilar, Presidente Perón, Quilmes, San Fernando, San Isidro, San Miguel, San Vicente, Tigre, Tres de Febrero, Vicente López, Zárate.

³ LA ciudad que huye. Direção: Lucrecia Martel. Produção: Santiago Leiro, Vanina Berghella, Fabian Beremblum. Roteiro: Lucrecia Martel. Argentina: Estudio Fantasma, 2006. (5 min), son. color.

⁴ A plataforma se liga ao Poblaciones, plataforma para consulta e georreferenciação de informação social da Argentina. POBLACIONES. Plataforma abierta de datos espaciales de población de la Argentina. Poblaciones. Argentina: CONICET/ODSA, 2023. Disponível em: <<https://poblaciones.org/>>. Acesso em: 26 abr. 2024.

Com as mudanças urbanas ocorridas pelo estabelecimento desses empreendimentos privados uma série de modificações legislativas foram necessárias. O Código Civil da República Argentina e o Código de Planeamento Urbano de 1990, por pressão dos setores ligados ao mercado imobiliário, a “ley de ordenamiento urbano y territorial de la Provincia de Buenos Aires 8912/1977” (decreto que regulamenta o uso do solo) sofre alterações para abarcar esse novo terreno até então sem regulamentação. Inicialmente, o Decreto Ley 8912/1977 “especifica la ubicación de los clubes de campo en ‘áreas complementaria o rural’, para la construcción de viviendas de uso transitorio ‘en contacto con la naturaleza’” (SVAMPA, 2004, p. 30) contemplando, posteriormente, a figura do bairro fechado e legislando a partir das aproximações com as zonas urbanas.

Nesse contexto, é importante sublinhar as mudanças socioeconômicas concomitantes ao *boom*, convertendo as casas de campo – primeira forma dessas urbanizações nos anos 1930 - em residências permanentes e assinalando o ingresso também do setor médio que buscava (e busca) segurança, gerando um novo tipo de suburbanização: “sobre los vestígios de la antigua elite, la clase media, mercado inmobiliario mediante, construye sus nuevos jardines, sus nuevos paraísos.” (SVAMPA, p. 98). Tema tratado por Gorelik (2004) a partir do que chama de urbanização do capital privado, isto é, a conversão em negócio de fragmentos inteiros de cidade.

Para Svampa, as mudanças iniciadas em 1970 se intensificam com as políticas apoiadas no neoliberalismo dos anos 1990 sob a presidência de Carlos Menem⁵, aumentando as desigualdades e a polarização social e fazendo emergir novas formas de diferenciação entre as classes. Ao mesmo tempo fez da paisagem da fratura social e urbana um dado permanente (GORELIK, 2004).

Tais características, ligadas ao aumento do discurso sobre violência urbana e à ineficácia das instituições públicas para garantir a segurança, motivaram a privatização da segurança concomitante à expansão dos *countries* (CLICHEVSKY, 2000). Para Svampa, a crise econômica produziu uma estrutura de medo e temores e intensificou o binômio semelhantes (as classes altas e médias com condições de

⁵ Menem foi presidente da Argentina entre 1989 e 1999, durante o seu governo uma série de medidas neoliberais foram implementadas o que elevou a taxa de desemprego em 20%. “La administración Menem impulsó, entre otras medidas, la reforma del Estado, la desregulación económica, la puesta en marcha de la privatización y concesión de empresas estatales y servicios públicos, severas medidas de estabilidad monetaria (Plan de Convertibilidad) y la puesta en marcha del Mercosur.” (CICCOLELLA, 1999, p. 9.)

transladar para regiões privadas, isto é, para as cidades fechadas) em oposição aos diferentes (os outros, destinados a viver na cidade aberta, encarada enquanto perspectiva negativa), questão também atestada por Pablo Ciccolella (1999), ao tratar sobre o processo de dualização e aprofundamento da exclusão social decorrente dos processos de privatização, desregulação e abertura econômica, colocados em marcha sobretudo nos anos 1990.

É nesse contexto de consolidação dos muros erguidos para as urbanizações privadas, formação de uma nova paisagem urbana e de aprofundamento da brecha social que a reflexão extrapola os limites estritamente acadêmicos, para além de uma série de pesquisas e debates a partir de diversas áreas, e numerosos filmes argentinos são elaborados em torno da questão. Filmes como *Cara de queso 'mi primer ghetto'* (2006) de Ariel Winograd, *Una semana solos* (2007) de Celina Murga, *Las viudas de los jueves* (2009) de Marcelo Piñeyro, *Betibu* (2014) de Miguel Cohan, *Historia del Miedo* (2014) de Benjamín Naishtat, e *Los decentes* (2016) de Lukas Valenta Rinner, e o curta-documental, *La ciudad que huye* (2007), de Lucrecia Martel, são formas sensíveis de ressaltar a expansão de *countries* e bairros privados na Região Metropolitana de Buenos Aires, nosso tema de pesquisa, ampliando para além de dimensões técnicas, urbanísticas ou ainda de mercado, os olhares sobre o fenômeno. Significativamente, todas essas películas, com exceção do curta-documental, apropriam-se de elementos ligados ao gênero de horror e suspense.

Enquanto uma consistente cinematografia tenta desmistificar o universo da apenas aparente perfeição desses espaços, inclusive por sua escolha de gênero fílmico, há um grande investimento publicitário e mercadológico que, diariamente, erige e cria visões desses novos “paraísos”, tema desse texto. Nesse sentido, o objetivo proposto aqui passa por pensar o impacto urbano e sensível das urbanizações privadas a partir de três pilares sustentadores dessa utopia: o verde, a segurança e a ausência de ruídos enquanto formadores de uma nova paisagem urbana que busca se opor à cidade.

Construção do paraíso

Para Ballent (1998) imaginários suburbanos ou rurais, estéticas pintoresquistas, habitação e mercado imobiliário são elementos solidamente relacionados nas modernas configurações dos territórios, e, no caso argentino, desde o século XIX,

estancias, quintas, casas de veraneo, casas de weekend e country clubs, isto é, as urbanizações privadas, são a materialização dessa articulação. O discurso da vida fora da cidade e o costume de veranejar, no caso argentino, viu-se reforçado pela epidemia de febre amarela em 1871 “que mostro los beneficios de alejarse da ciudad y trasladar la vida domestica a parajes consideradas más saludables y en contato com la naturaleza” (BALLENT, 1998, p.89). Além disso, os usos dos espaços exclusivos e a prática de esportes e demais atividades de ócio, demarcavam claramente as fronteiras sociais.

Mas é somente nos anos 1930 que surgem os primeiros *country clubs*, o *Tortugas* e o *Hindu Club* ainda nos anos 30, o *Highland Park* em 1940 e o *Olivos Golf Club* nos anos 50, como iniciativas restritas às elites. Como ressalta Ballent, tratava-se de uma combinação entre habitação e esportes terrestres, como o golfe, polo, tenis, equitação e natação em piscina:

el automóvil acercaba el campo a la ciudad, y el campo ya no seria el espacio de la combinación entre ocio y trabajo, sino un nuevo ámbito de esparcimiento, el escenario para la práctica de deportes terrestres. Cabe destacar que tanto el Tortugas como el Hindú se formaron sobre la existencia previa de canchas de polo y links de golf (BALLENT, 1998, p. 93).

O cenário de espaços de ócio e de casas de verão, ou segunda moradia, restritos às elites, modificar-se-ia somente nos anos 1970 com uma nova etapa de desenvolvimento dos clubes de campo, sobretudo com a mudança na ley de ordenamento urbano y territorial da Provincia de Buenos Aires em 1977.

A segunda etapa, conhecida como primeiro *boom* imobiliário nos anos 1970, em oposição aos primeiros *country clubs* caracterizava-se por não se centrar na exclusiva elite tradicional e sim na classe média alta, e como escreve Svampa (2008), sobretudo em empresários e profissionais buscando afirmar sua consagração social através do “estilo de vida country”.

Tal expansão, como ressalta a bibliografia, tinha como faixa etária os 25-30 anos portadoras de um estilo de vida “más hedonista y relajado y que busca trasladar las comodidades de la ciudad al ‘entorno bucolico’, exigiendo, entre otras cosas pavimentacion de calles, red de cloacas, gas natural” (SVAMPA, 2008, p.55). A difusão dos *countries* também esteve atrelada ao sentimento de insegurança frequente nas classes altas em razão da ação de distintos grupos de guerrilheiros

(Montoneros, Fap, ERP) e, de acordo com Svampa, no início dos anos 1970, segundo o relato de uma residente do *Tortugas Country Club* o ERP realizou uma incursão armada na urbanização (SVAMPA, 2008, p. 56).

Com o crescimento e expansão das urbanizações privadas, novas demandas referentes aos preceitos urbanísticos foram necessárias. É o caso do decreto-ley 8.912/77, artigos 64-67, que regulava o uso do solo e que especifica a localização dos clubes de campo em “áreas complementares ou rurais” para a construção de casas de uso transitório e “em contato com a natureza”, e define que as mudanças normativas são responsabilidade do município. Isso significa que cada município pode realizar reformas no decreto e solicitar sua validação na Província de Buenos Aires.

Nesse contexto, é interessante apontar o sobrelevado por Svampa, assim como as demais bibliografias, em que se analisa como nos anos 1970, a “plata dulce”, produto da política econômica da ditadura militar, faz com que cheguem aos *countries* os “yuppies”, apropriando-se de símbolos de distinção social e convertendo a “mujer country” em um bem suntuário (SVAMPA, 2008, p. 56). Nesse período, embora mais aberto em relação aos primeiros empreendimentos restritos às elites, o estilo de vida ainda era parte de uma faixa privilegiada. No entanto, o aparecimento dos bairros fechados gera uma espécie “democratização” de acessos, por seu custo menor que os *countries* tradicionais e por, em seus inícios, não contarem com áreas sociais comum e instalações esportivas.

Nos anos 1980 ocorrem mudanças significativas quanto a oferta residencial e o perfil social e geracional. A expansão a partir desse período, e sobretudo nos anos 1990, é fomentada pela construção de novas autopistas como o Acesso Norte, Acesso Oeste e a Autopista Ezeiza, e pelas formas de financiamento facilitadas com a política econômica do governo Menem. “Se han construido alrededor de 150 km entre nuevas autopistas (Buenos Aires-La Plata, Acceso Oeste) y remodelación y ampliación de autopistas ya existentes (General Paz, Acceso Norte y sus diferentes ramales, etc.)” (CICCOLELLA, 1999, p. 13). As construções urbanas privadas eram facilitadas, significando maior número de carros em circulação e menor investimento em transporte público.

Para Thuillier, a oferta de bairros privados desenvolveu-se sobretudo em proximidade com as autopistas em um raio de 25 a 70km do centro da cidade de Buenos Aires e teve êxito sobretudo entre os casais jovens que planejavam filhos. A

“qualidade de vida” era o argumento principal dos promotores desse tipo imobiliário, enquanto a segurança aparecia apenas como um fator entre outros (THUILLIER, 2005).

Ainda, de acordo com o autor, o primeiro elemento que aparece advindo dessa transformação urbano-rural é uma modificação das formas que pretende romper com a cidade centro:

El estricto y monótono damero de Buenos Aires es reemplazado por el de las calles curvas, los cul de sac alrededor de lagos artificiales, formas típicas de la arquitectura “pintoresca”. La naturaleza, valorizada al máximo, es un elemento de ornamentación fundamental; cuando pueden, los arquitectos se apoyan en puntos llamativos del terreno que ellos habilitarán. Se conserva y valoriza una avenida bordeada de árboles, una depresión del terreno que podrá convertirse en una pequeña laguna, un bosque de árboles antiguos, una vieja casa patrimonial, que rehabilitada será un club house muy en boga (THUILLIER, 2005, p. 9).

Retroalimentam, para Thuillier (2005), Svampa (2008) e Ballent (1998), um *folklore* ruralista em que se assenta a identidade nacional argentina, o mundo dos gaúchos, “contra los valores propios de la civilización urbana europea y refinada que caracteriza el imaginario de Buenos Aires.” Dessa forma, o afastamento da cidade-centro, tornava-se ainda mais evidente.

No que concerne aos processos de elaboração dos sentimentos, sensibilidades e subjetividades, Maristela Svampa realiza há vários anos pesquisas referentes à temática, cujos resultados obtidos a partir de uma série de entrevistas podem ser lidos no livro publicado em 2001, *Los que ganaron: la vida en los countries y en los barrios privados*. Em *La Brecha Urbana*, de 2004, a partir de um novo conjunto de entrevistas realizados entre 2002 e 2004 por uma equipe de Ciências Sociais do Instituto de Ciencias de la Universidad Nacional de General Sarmiento, a autora lança novas facetas sobre o fenômeno cujos impactos, como por exemplo novas modalidades de produção de laços sociais e de relação com a cidade, ainda são experienciados contemporaneamente.

Além da autora, os livros de Cecilia Arizaga (2005), *El mito de la comunidad en la ciudad mundializada: estilos de vida y nuevas clases medias en urbanizaciones cerradas*, de Carla Castelo (2007), *Vidas Perfectas: los countries por dentro*, e de Patricia (2007), *Mundo privado: historias de vida en countries, barrios e ciudades cerradas*, trazem uma série de entrevistas nas quais aparece de maneira recorrente nas falas dos moradores a diferença entre o lado de fora da cidade, aberto e inseguro,

e o de dentro dos *countries*, megaemprendimentos e bairros fechados, que, pelos mecanismos de segurança (portarias, cancelas, seguranças armados, câmeras, e etc.), são livres de violência e das possíveis inconveniências dos espaços públicos, apresentando-se como uma espécie de paraíso urbano.

Arizaga em entrevistas com moradores de *countries* e bairros privados na RMBA, perguntava-se com surpresa o que significa a frase ouvida mais de uma vez em suas diversas variáveis e constantemente reiterada pelos meios publicitários: “Que los niños puedan andar de bicicleta hasta las 12 de la noche” (ARIZAGA, 2005, p. 17). Para a autora, se a princípio a mudança para residenciais fechados ligava-se um certo neoconservadorismo, visto mais de perto, as variantes culturais locais desempenham também um valor preponderante. Dessa forma, estabelecendo um paralelo com as definições de Svampa (2008), sobre as “portas do paraíso” procuramos pensar as urbanizações privadas a partir de três pilares, considerados por nós, como os sustentadores da utopia da vida fora da cidade: o verde, a segurança e a ausência de ruído urbano.

Pilares de sustentação

Na Argentina a temática naturista e a defesa de um estilo de vida em contato com a natureza, como assinala Svampa (2008), esteve fortemente relacionada a uma mercantilização. Isso significa afirmar que especialistas de marketing, publicitários e revistas periódicas realizaram processos de redução e uniformização de valores em formas e categorias apresentados em estilos de vida específicos, sendo o “estilo de vida verde” um deles.

Como ressalta Ballent (1998), já no estabelecimento dos primeiros *countries*, nos anos 1930, reiterava-se nas revistas sobre os usos dos espaços domésticos o apelo pela vida saudável, fora do ambiente citadino e com novas formas de sociabilidade. No quesito “qualidade de vida”, termo guarda-chuva que engloba diversas condições que justificam a mudança para residenciais fechados, sem dúvidas, o “estilo de vida verde” é o primeiro deles, pelo menos entre os anos 1970 e 1990.

Nos suplementos específicos de *countries* e bairros privados em jornais de ampla circulação como o *Clarín* e o *La nacion*, ou em revistas especializadas como a *Casas y Jardines*, *Casas country club*, e a *Casa country*, por exemplo, há uma grande exibição de páginas dedicadas a mostrar casas rodeadas por vegetação, árvores,

fontes e jardins, sendo comum inclusive sessões destinadas apenas à jardinagem e ao *feng shui*, inclusive do quintal, questão evidenciada também na ficção, nos filmes e livros *Betibu* (2014, 2014) e *Las viudas de los jueves* (2009, 2007), por exemplo.

A página do *Miraflores country club*, um dos principais e tradicionais *countries* da cidade, não por acaso situado próximo ao *Tortugas country club*, destaca

Miraflores Country Club es mucho más que sólo un country, **es una gran familia** dónde cada integrante puede encontrar el espacio propio para realizar las actividades que quiere y dónde se siente cómodo. Miraflores es un **estilo de vida**, un estilo de vida dónde predominan las actividades deportivas, sociales y culturales. Es el lugar dónde los chicos que crecieron en este country, siguen viniendo y siguen manteniendo el mismo grupo de amigos desde chiquitos, es el lugar dónde cada socio siente que pertenece [grifo nosso] (ALLAY AGENCY, 2023).

Ao fundo pessoas caminham pelas ruas com roupa de ginástica e sorriso no rosto. O clube de campo oferece atividades como futebol, hockey, tênis, ginástica artística, taekwondo, academia, zumba e golfe.

Na página inicial do *Tortugas country club* (2022), em todas as fotos, dos esportes à capela, o verde se faz predominante. Além disso, é interessante notar que a cor é repetidamente utilizada na formatação tanto nos sites de pesquisas dos empreendimentos privados, quanto nos específicos de cada urbanização, assim como aparece recorrentemente nas revistas, situação semelhante ao Brasil.

Olivos golf club, outro clube de campo tradicional, fundando em 1926 e consolidado como *country club* em 1951, descreve-se enquanto lugar tranquilo para viver e desfrutar da natureza. Seu campo de golfe, com 27 buracos, considerando um dos mais importantes da Sudamérica estende-se por um bosque com diversas árvores (OLIVOS GOLF CLUB, 2023)⁶.

A composição fotográfica dos sites imobiliários de vendas de imóveis, deixa em primeiro plano a vegetação, mais do que destacar as casas, que, quando aparecem, são apenas coadjuvantes de uma extensa área verde. Para Svampa (2008), em que pese todas as descrições e imagens da vida verde, é importante destacar junto ao círculo desse estilo, a existência de um outro círculo ou componente referente a um certo “ruralismo edílico” que alude de maneira clara ao estilo de vida da antiga elite criolla, unindo a expansão do “verde” sob a imagem do “campo” e sua extensão.

⁶ Definição retirada do site.

Assim, o “estilo de vida verde” combina e justapõe certo “ruralismo edílico” evocativo do passado, a imagens prolixas e recortadas de espaços e jardins próprios dos subúrbios norteamericanos, símbolos da modernidade e consagração social.

No quesito segurança, a autora sustenta que esta emerge no discurso dos moradores como um valor associado a homogeneidade social, a reconstruir a confiança e recriar a vida no bairro. No caso das entrevistas realizadas por ela e sua equipe a valorização da segurança aparece sobretudo na fala de pessoas vítimas de algum delito. 35% dos entrevistados expressaram haver sofrido algum tipo de experiência direta de insegurança. O argumento aparece de maneira mais constante na fala dos entrevistados da rede de Bella Vista, cerca de 46%, e menos nos habitantes de *countries* recentes, apenas 21%. Os mais afetados, assim, são os moradores de residenciais antigos nos quais 42% haviam sofrido experiência de insegurança, enquanto os residentes da rede Pilar de bairros privados apontam 31% (SVAMPA, 2008, p. 90).

Pelas conclusões da autora, infere-se que em termos de estilo de vida as pessoas que sofreram algum efeito derivado diretamente de insegurança assumem essa questão como a principal de mudança para as urbanizações privadas, enquanto as outras normalmente elegem o verde. No entanto, mesmo no segundo grupo, o medo de ser assaltado ou sofrer alguma espécie de violência fora dos residenciais aparece acentuado e dependente dos contrastes dos entornos das urbanizações.

Svampa reforça não haver uma correspondência linear entre as experiências reais de insegurança urbana e o sentimento de insegurança. Nesse sentido é importante ressaltar o exposto a partir de Sposito e Góes (2013) ao apontarem a questão do *sentimento de insegurança* urbana como responsável para a eleição de urbanizações privadas mais do que dados reais sobre o aumento da violência, além da ideia subjacente nessas falas de que violento é sempre o outro, e, nesse caso, os outros são os moradores do além muro. Além disso há uma questão sempre presente do papel da mídia na formulação desse sentimento.

É importante reforçar, nesse aspecto, que há uma espécie de resgate seletivo, como salienta Svampa, do antigo modelo de socialização de bairro em que se retomam valores como a segurança e os laços de confiança e se descartam tópicos normalmente associados a uma cultura mais igualitária de mescla e heterogeneidade social (SVAMPA, 2008, p. 92). Para Vidal Kopman, “cuánto más exclusivo pretende

ser un conjunto cerrado, cuenta con mayor cantidad de dispositivos de seguridad y mayor cantidad de personal destinado a la vigilancia privada” (VIDAL- KOPPMANN, 2014, p. 19). Outro ponto é ainda importante referente às sociabilidades e subjetividades dos residentes de condomínios e bairros privados: a associação entre segurança, liberdade e um certo esnobismo exibicionista. “La exhibición aparece bajo la forma de una advertencia o una exhortación, siempre repetida, dirigida a los amigos y a los ocasionales visitante ‘no iniciados’ en este nuevo estilo de vida” (SVAMPA, 2008, p. 93).

Os pilares do verde e da segurança aparecem de maneira recorrente na bibliografia, no entanto, consideramos ainda outro de igual relevância na configuração dessa nova paisagem presente nas entrevistas e responsável por selar o distanciamento da cidade e a negação do espaço citadino e aberto: o ruído ou, no caso, a ausência de ruído urbano.

Na matéria “Ruidos molestos”, Javier Llantada deixa logo em destaque

Una de las características de quienes hemos decidido radicarnos en clubes de campo y barrios privados es el deseo de disfrutar de la tranquilidad, la paz y el verde, como un respiro reparador de las agotadas jornadas laborales y el ruido mundanal que nos invade en la ciudad (LLANTADA, 1998).

O autor, que é advogado e já na chamada do artigo nos indica que é um morador de urbanização privada, inicia sua matéria apelando para a sensibilidade sonora do leitor, ao indicar que no geral os ruídos são controlados pela boa convivência, mas no entanto, pode acontecer de se ter um vizinho adolescente aspirante a músico, ou um artista plástico que trabalha com materiais barulhentos. Nesse momento, a paz e a tranquilidade da pessoa são invadidas e, de acordo com ele, não por uma música harmoniosa e baixa, mas por ruídos fortes praticados principalmente por adolescentes, ou por barulhos de construção. A cidade adentra a urbanização privada.

Em ocasiões como essa a saída inicial é um contato direto com vizinho perturbador ou diretamente com a administração da urbanização, mas se em ambos os casos não houve um acordo satisfatório, pode-se acionar o Código Civil, que, em seu artigo 2.618, segundo reforma traduzida pela lei 17.711, estabelece que as inquietações causadas por vizinhos relativas a som, calor, luminosidade, odor, ruídos e vibrações não devem exceder a normal tolerância levando em consideração o lugar. Dessa maneira, segundo as circunstâncias, as pessoas lesadas podem pedir

indenização que tramitará para avaliação caso a caso. No entanto, chama atenção na matéria, a ressalva feita pelo advogado no sentido de admitir essas serem causas ganhas pois “nadie puede dudar del destino de una casa en un club de campo o em um barrio privado y de las expectativas tenidas en cuenta en el momento de su adquisición o construcción” (LLANTADA, 1998).

Há uma constante nas falas dos moradores dessas urbanizações que associa o ruído ao urbano, ao caos e à cidade da qual se pretende afastar. Para Arizaga

Un aspecto a tener en cuenta es el hecho de que la ciudad no es nombrada directamente, sino más bien recurriendo a otras palabras que la contaminan de sentido: el “ruido” actúa como metáfora de la ciudad caótica: “Lo invitamos a irse lejos del ruido y cerca del sol” (ARIZAGA, 2005, p.135).

Rojas em visita ao *Farm Club* para durante alguns minutos para contemplar o lago do bairro privado, nesse momento o segurança que anda em um carrinho de golf, pergunta se ela quer que ele a leve à casa do entrevistado. No caminho diz que os moradores dessa urbanização tem “un culto a la privacidad y al bajo perfil”, em seguida completa “Creo que los únicos que hacen ruido son los gansos – dice el hombre refiriendo-se a la gran cantidad de estas aves que hay en el lago de entrada” (ROJAS, 2007, p. 168).

O discurso se repete na fala de outros entrevistados, tanto em Rojas quanto em Svampa:

Yo, desde los dieciséis que salgo, pero es mi temperamento. Aunque a veces me encerré. Hay probabilidades de que te pase algo a la salida del country, sí, pero vos podés estar sentado en un balcón con la puerta abierta y si cae una maceta de arriba te mata. Creo que en un country estás con seguridad tan profunda que es muy valorable. **No hay ruidos extraños.** No tienes que mirar a través de la ventana a ver quién pasa. (ROJAS, 2007 p. 278)

Mira las ventajas, todo, desde el hecho de levantarse a la mañana, la tranquilidad, que a mí me transporta el hecho de ver el verde, el cielo, **el no ruido de los autos**, el no ruido, el no hollín, lo poco que entiendo de la ecología, lo poco que entiendo porque recién ahora estoy aprendiendo de los pájaros, de los bichos, ¿viste? [grifos nosso] (SVAMPA, 2008, p. 93)

No caso das megaempreendimentos, em sua aproximação com o *pueblo*, a possibilidade de um avesso de cidade, ainda que não fuja completamente dela também aparece. A criação da “cidade” sob medida traz como chave também a

ausência de ruído. A publicidade de Estancias del Pilar simula uma entrevista. “Se pudieran crear un pueblo, ¿cómo sería?”:

Me gustaría que este un poco **apartado para no escuchar el ruido de camiones o autos**. Que no sea un descampado pero sí que sea un lugar donde la naturaleza tenga preponderancia. ¡Ah! Y un pequeño centro, con callecitas empedradas donde justarme con mis amigos a tomar un café, jugar al bowling... qué se yo. Y bueno, le agregaría oficinas. Quién te dice, el día de mañana trabajo por mi cuenta. [grifo nosso] (ARIZAGA, 2005).

Em “O mundo social do ruído: contributos para uma abordagem sociológica”, Fortuna (2020) faz uma genealogia de como a representação do som e do ruído urbano, por pintores, poetas e músicos levou a compreensão do ambiente sonoro citadino, sem qual o ruído teria permanecido associado a uma carga de negatividade e intolerância no contexto urbano-industrial, ou seja, como a cultura urbana moderna se adaptou ao convívio com os ruídos. Além disso, trata dos efeitos e medidas exercidos sobre as paisagens sonoras nos espaços da urbanidade enquanto também jogos de exclusão e poder.

Não convém aqui retrazar a genealogia levantada pelo autor, o que nos interessa pensar marcadamente é como “o ruído tem uma *história* própria que não tem expressão isoladamente, mas apenas em contexto ou processo de relacionamento com outros sons e a intervenção humana” (FORTUNA, 2020, p. 38). E isso significa pensar como o ruído é social e ganhou novos contornos e dimensões na era da urbanidade moderna e industrial.

O ruído é próprio à urbanidade e, portanto, sua ausência é praticamente impossível em ambientes completamente urbanos. A hipótese de Fortuna é que é através da audição ou da suspensão e ausência de ruído são manifestados o medo e o pânico.

Interessa-nos ainda pensar a dimensão do espaço público nessa sociologia sonora. A partir de Lebfreve (2012) Fortuna destaca a importante dimensão sensorial do espaço público: “a integração da componente sonora no âmbito teórico do espaço sensorial lefebvriano conduz a admitir que os ruídos urbanos tanto geram empatia, consenso e aproximações sociais, como, dialeticamente, promovem distanciamentos, dissidências e conflitualidades” (FORTUNA, 2020, p. 39). São assim, embora Simmel tenha priorizado a análise do olhar em detrimento do som, condição fundamental para a compreensão da dinâmica urbana e social.

A dimensão sensível do ruído deflagra-se na forma como os grupos sociais e os indivíduos disputam sua presença no espaço público: “o que é um desconfortável ambiente ruidoso para uns, pode ser mera musicalidade ambiental e funcional para outros”, (FORTUNA, 2020, p. 39-40) e isso implica em uma acomodação social ao ruído, quer dizer, o ruído urbano está tão adaptado à vida cotidiana e somente ocasionalmente é objeto de aversão. Nesse sentido, é interessante notar como no caso das urbanizações privadas, questão que aparece de maneira marcada em Svampa (2008), Castelo (2007), Rojas (2007) e Arizaga (2005), o som que incomoda é sempre o do outro.

Enquanto Simmel trabalhava as sensibilidades e subjetividades relacionadas ao choque sofrido pelo cidadão lançado à selva da vida urbana, sem priorizar, no entanto, o papel do som nesse processo, Theodor Lessing, intelectual alemão, associava sua pesquisa a “à promoção e defesa de medidas públicas com vista à proteção dos efeitos sociopsicológicos provocados pelo ruído em contextos urbanos” (FORTUNA, 2020, p. 53). Seguindo Fortuna, para Lessing, o barulho, especialmente da rua, era uma *patologia* social, tendo as locomotivas e automóveis como principais agentes de perturbação, mas não esquecendo também de outro vasto repertório como os sinos da igreja, os ensaios de músicos, telefones, enfim, o cotidiano urbano e, em especial das camadas populares⁷.

Lessing empreenderia uma investida especialmente contra a classe operária e os trabalhadores urbanos, associando o barulho também a uma estratégia de afirmação identitária (BARON, 1982, p. 87 *apud* FORTUNA, 2020, p. 53). Para Fortuna, há, dessa maneira, um deslocamento para a teoria do ressentimento, de Nietzsche, do qual Lessing era leitor e biógrafo, e segundo a qual a ação humana sustenta-se por uma aspiração ou vontade de poder.

O tom elitista se dá a partir da ideia de que os sons provenientes das camadas populares impediam a concentração necessária ao trabalho intelectual, e enquanto expressões urbanas – o som do cocheiro, do músico, da mulher que estende roupa no varal – serviriam como forma de atrair para si a atenção e impossibilitar a invisibilidade desses agentes.

⁷ Seu foco e laboratório de estudo, assim como de alguma forma Simmel o fez com Berlim, é Hannover. Ver: (FORTUNA, 2020)

Para ele, havia uma *necessidade* de enfrentar o ruído das cidades e suas consequências anti-intelectuais. Era “um crítico da devastação perniciosa de diversas áreas urbanas e da degradação da interação social que antes alimentava um espírito de tranquila convivialidade e boa vizinhança” (FORTUNA, 2020, p. 55). Que não se restringia aos problemas causados pela classe trabalhadora, mas também aos impactos do capitalismo de modo geral, e a forma como os proprietários capitalistas, acobertados pela lei e pela indulgência estatal, poderiam gerar enorme poluição sonora. Advogou sem sucesso a favor de leis que regulamentassem horários de comércio, mecanismos de redução sonora etc.

Adepto fervoroso do *motto* então em voga, *non clamor sed amor*, que ao estilo pós-moderno leria ‘faz amor e não rumor’, Lessing cedo denunciou o ruído presente ‘em todo o lado’ e lamentou, com inegável fervor ambientalista e comunitarista, que nem as aldeias nem as vilas pudessem escapar à voragem ruidosa da cidade moderna (FORTUNA, 2020, p. 56).

Lessing não conhecia, obviamente, o poder de uma urbanização privada em sua capacidade de criar locais completamente acéticos e antirruídos urbanos.

O fato é que os ruídos são condições inerentes à vida urbana em sociedade. A “aceitação” ao ruído veio ainda acompanhada de um reduto em que algumas pessoas se tornam menos tolerantes à paisagem sonora característica do espaço público. “Muitas vezes, essa crítica assume tonalidades românticas, associadas a sinais de profunda nostalgia da vida rural e do ambiente bucólico da vida campestre” (FORTUNA, 2020, p. 61). É o caso reiterado, como vimos, apregoado pelos moradores e pela publicidade de condomínios e bairros privados.

Essas urbanizações seriam uma espécie de resposta ao som urbano que incomoda, e ao incomodo provocado pelo ruído dos *outros*. “A produção de ruído pode, em primeiro lugar, servir estratégias perversas de invisibilização identitária e anular presenças sociais, individuais ou coletivas, nos espaços públicos” (FORTUNA, 2020, p. 65). Dessa maneira, como vimos, a diferenciação social nesses espaços dá-se também a partir do controle do som. Deixar o ambiente urbano e advogar em torno de uma nova paisagem, significa ademais deixar seus ruídos.

Nem tão verde e seguro assim

Enquanto há um universo de construção do “paraíso” por meio do mercado imobiliário e publicitário, há, em paralelo, toda uma bibliografia e dados técnicos que desmistificam essa apenas aparente perfeição. Por exemplo, em um dia de agosto de 2021, a rede social Twitter amanhecia repleta de memes⁸ sobre a invasão de capivaras em Nordelta, em espanhol, *carpinchos*. Logo, jornais e canais de televisão iniciaram uma série de reportagens sobre o assunto. É o caso do El País, que em 25 de agosto noticiava “Una invasión de carpinchos agita la guerra de clases en Argentina.”

La edificación de casas ajardinadas en esta zona del en la que hoy viven cerca de 40.000 personas alteró el hábitat de numerosas especies autóctonas, entre ellas los carpinchos. Estos roedores, cuya población en el lugar ronda los 400 ejemplares, hoy buscan en el césped y las plantas decorativas el alimento que no encuentran en otro lado y han pasado de ser un motivo de preocupación para algunos vecinos a convertirse en el centro de un debate sobre el avance humano sobre los humedales y en una fuente inagotable de memes sobre la supuesta lucha entre los ricos y estos animales (UNA INVASIO, 2021, s/p).

Os moradores que, até então, dizem ter convivido em harmonia com os animais, reclamam agora de um aumento de 17% da população de capivaras no último ano. Especialistas afirmam não haver dúvidas de que a ocasião decorre do aumento de urbanizações privadas em áreas de *humedadales*, desequilibrando o ecossistema local, e também da relação, a princípio estabelecida, dos habitantes com os animais, tratando-os enquanto domésticos.

O fato é que a ocasião serviu para reativar uma discussão sobre a Ley de humedales que teria como objetivo frear o avanço do desmatamento e construções nessas regiões, especialmente no delta do Rio Paraná (LAS LLAMAS, 2020). A alteração do ecossistema dos *carpinchos* é apenas um dos impactos dessas construções. Com nome técnico de “mega urbanizaciones cerradas polderizadas” (UCP), construções como Nordelta⁹ tem em comum oferecer todos os serviços da cidade, de escolas à universidade, larga extensão, e entorno natural propagandeado

⁸ Um meme é uma “Imagem, informação ou ideia que se espalha rapidamente através da Internet, correspondendo geralmente à reutilização ou alteração humorística ou satírica de uma imagem (“meme”, 2023).

⁹ Nordelta é a primeira cidade privada Argentina, localizada no Partido de Tigre a 30km da cidade de Buenos Aires.

através da presença de espelhos d'água e lagos artificiais aptos para a prática de esportes náuticos. Mas, uma característica comum une ainda mais esses empreendimentos: são essencialmente construídos sobre terrenos inundáveis ou pântanos e em geral comunicados através de um canal principal de rios (MASSUH, 2014). É o que nos indica trabalhos como o de Graciela Massuh, e a coletânea de textos publicados a partir do estudo de diversos especialistas em “La privatopía sacrílega. Efectos del urbanismo privado en humedales de la cuenca baja del río Luján” (PINTOS, 2012).

Em relação à segurança, as grades, muros, portarias, inúmeras câmeras, um grande arsenal de guardas e vigias privados e métodos de controle de entrada e saída de pessoas, além das inúmeras propagandas que ressaltam a segurança como um dos valores fundamentais desses empreendimentos, configuram uma estética da segurança e fortalecem o imaginário da completa oposição das urbanizações privadas em relação à cidade aberta. No entanto, dados e indícios indicam tratar-se apenas de um discurso, mais do que efetivamente um lugar completamente protegido.

Os condomínios e bairros privados não são completamente alheios à violência. A (in)segurança nunca deixou de ser uma pauta, nem mesmo sua utilização, seja como propaganda para os próprios *countries*, seja como demonstração da ineficiência dos mesmos, pois as denúncias de crimes dentro do território protegido também são frequentes. Uma breve abertura em 4 de julho de 2023, da página do jornal *Clarín*, suplemento *Countries*, por exemplo, indica entre as 24 reportagens, entre 7 de setembro de 2022 e 18 de junho de 2023, dez sobre crimes e delitos em *countries* e bairros privados, duas sobre acidentes (um causado por uma queda de uma árvore que atingiu duas crianças, deixando uma internada em estado grave, e outro que causou a morte de um morador por eletrocutamento enquanto lavava seu carro em um bairro privado da região de La Plata) , e uma sobre a invasão de raposas. As notícias se repetem ao longo dos anos. É interessante notar ainda como são constantes os delitos cometidos pelos próprios moradores. Há ainda uma recorrência de entrada nas urbanizações para o roubo de grandes quantias em dólares e joias. Assim, embora se pretenda criar uma bolha alheia ao considerados “problemas de cidades abertas” dados técnicos indicam, ao contrário da publicidade, que as urbanizações privadas ainda se inserem dentro da realidade urbana.

Considerações finais

Em seu trabalho, Arizaga (2005), além das entrevistas atentas ao imaginário do viver fora da cidade e suas associações com os sentidos (cheiros, sons, imagens), a evocação por tipo urbano (bairro, povoado, campo, cidade, subúrbio), por tipo de urbanização (bairro privado, *country*, megaempreendimento), por nome das urbanizações e associação por estilos de vida, inclui tiras de humor publicadas pelos mesmos meios que alimentam o imaginário de fuga da cidade.

As tirinhas ironizam a questão do verde, da segurança, e do narcisismo constante aos moradores desse tipo de empreendimento. Para a autora em decorrência das formas de organização social contemporânea, o subúrbio é reapropriado no imaginário e passa a ser visto enquanto mercadoria, opondo-se a um primeiro momento de expansão dos setores populares e de assentamento das *villas miseria*. Nesse processo, o léxico também sofre alterações. Não mais chamados subúrbios, essa nova paisagem urbana de locais fora da cidade, recebem a denominação de campo. O suburbano seria assim o “outro”, o morador de fora e das *villas*, questão que aparece nas entrevistas, como sublinha a autora.

Ainda prosseguindo seu argumento, os avanços materiais e tecnológicos, como o carro e as novas autopistas, fazem o elo de ligação entre a natureza e a civilização ressignificando o tempo em relação com o espaço. Lembremo-nos que os km que separam as urbanizações privadas da cidade de Buenos Aires estão sempre presentes nas páginas iniciais dos sites, assim como aparecem de maneira clara na publicidade dos locais.

Os meios que publicizam esses empreendimentos enquanto deixam claro o distanciamento do passado citadino, “la vida em la ciudad aparece como lo que se dejo atrás”, resgatam o passado em sua dimensão ficcional, “desprovido de conflitos sociales”, criando um processo de duas vias “la del ouvido do lo que ha sido y la construccion de una memoria de lo que no fue” (ARIZAGA, 2005, p. 126).

Para a autora, os *countries*, bairros privados e megaempreendimentos em relação aos centros adjacentes são um modelo descentralizado em acordo a um modelo suburbano pós-moderno morfologicamente apresentando figuras de ilhas ou arquipélagos conectados por redes. “A medio de camino entre naturaleza y arteificio, mercado y lugar, hegemonizando la arquitectura escenografica Disney Word” (ARIZAGA, 2005, p. 143). São também uma cena do *show de Truman*.

La “casa country” recrea el sueño del american way of life y especialmente donde el sistema housing tiene una presencia importante nos remite a imágenes idénticas a las del pueblo de la película *The Truman show*, aquella donde el protagonista vivía envuelto en una ficción (ARIZAGA, 2005, p. 144).

A escolha de um modo de vida de fantasia e de um urbanismo de afinidades e formulado a partir de simulacros, ganha cada vez mais adeptos. Essa exploração fantasiosa, tem, no entanto, sua faceta de controle e privação da liberdade, pois, como escreve Featherstone, as imagens “podem evocar prazeres, perturbações, carnavalização e desordem, mas é necessário ter auto controle para vivenciá-las; a vigilância furtiva das câmeras de controle remoto e dos guardas de segurança está à espreita daqueles incapazes de se controlar” (FEATHERSTONE, 1995, p. 45).

Para além da mudança das paisagens e das formas de se relacionar com as mesmas, soma-se a essa fórmula, também e sobretudo a partir dos dispositivos midiáticos, uma certa geografia urbana do medo e da insegurança, embasados em sentimentos de desconfiança em relação aos outros.

Os indivíduos são assim constantemente expostos à sentimentos negativos, seja pela incapacidade de pensar a longo prazo num mundo em que pouco ou quase nada está completamente garantido – e no caso específico da Argentina, ao longo da sua história e sobretudo após a crise de 2001 – e de uma pretensa liberdade e segurança – que aparece de maneira marcada nos relatos dos moradores de urbanizações privadas. Tais condições implicam em mudanças significativas nos tipos de laços sociais e nas formulações da “boa sociedade” e da “cidade” ideal e, dessa maneira, nas formas de cidadania, com efeitos na “cidade aberta” da qual essas pessoas pretendem se afastar.

Referências Bibliográficas

ALLAI AGENCY. *Miraflores Country Club*. Argentina: Miraflores, 2023. Disponível em: <<http://www.miraflores.com.ar/el-country/>>; Acesso em: 08 mai. 2024.

ARIZAGA, Cecilia. *El mito de la comunidad en la ciudad mundializada: estilos de vida y nuevas clases medias en urbanizaciones cerradas*. Buenos Aires: El Cielo por Asalto, 2005.

BALLENT, Anahí. “Country life: los nuevos paraísos, su historia e sus profetas”, Block. nº2, mayo de 1998.

BARON, L. “Noise and degeneration: Theodor Lessing’s crusade for quiet”. Journal of Contemporary History, 17, 1982

BETIBÚ. Dirección: Miguel Cohan. Produção: Mariela Besuievsky. Roteiro: Claudia Piñeiro. Argentina: Tornasol Filmes S.A., Televisión Federal (telefe), Haddock Films, 2014. (98m), son. color.

CARA de queso 'mi primer ghetto'. Dirección: Ariel Winograd. Produção: Nathalie Cabiron, Gerardo Herrero. Roteiro: Ariel Winograd. Argentina: Tornasol Films S.A., Tresplanos Cine S.A., Haddock Films, 2006. (90m), son. color.

CASTELO, Carla. Vidas perfectas: los countries por dentro. Buenos Aires: Sudamerica, 2007.

CLICHEVSKY, Nora. “Tierra vacante en Buenos Aires. Entre los loteos populares y las áreas exclusivas.” CLICHEVSKY, Nora (org). Tierra vacante en ciudades latino-americanas. Cambridge, Mass.: Lincoln Center, 2000.

CICCOLELLA, Pablo. Globalización y dualización en la Región Metropolitana de Buenos Aires. Grandes inversiones y reestructuración socio-territorial en los años noventa. EURE, Revista Latinoamericana de Estudios Urbanos y Regionales, Vol. XXV, N° 76, Santiago de Chile, 1999.

FEATHERSTONE, Mike. Cultura de consumo e pós-modernismo. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FORTUNA, Carlos. O mundo social do ruído: contributos para uma abordagem sociológica. Análise Social, lv 1.ºn.º 234, 2020,

GORELIK, Adrian. Miradas sobre Buenos Aires: historia cultural y crítica urbana. Buenos Aires: Siglo XXI Editora Argentina, 2004.

HISTORIA del miedo. Dirección: Benjamín Naishtat. Produção: Benjamín Domenech. Roteiro: Benjamín Naishtat. Argentina: Vitakuben, Ecce Films, Rei Cine, Mutante Cine, 2014. (79 min), son. color.

LA ciudad que huye. Dirección: Lucrecia Martel. Produção: Santiago Leiro, Vanina Berghella, Fabian Beremblum. Roteiro: Lucrecia Martel. Argentina: Estudio Fantasma, 2006. (5 min), son. color.

LLANTADA, Javier María. Ruidos molestos. Restriciones al dominio estblecidas por el Codigo Civil. *Casa Country*, Argentina, ano 3, n. 33, jul. 1998.

LAS llamas devoran el delta del Paraná, uno de los grandes humedales de Argentina. El País, Argentina, 1 ago. 2020. Sociedad, Disponível em:

<<https://elpais.com/sociedad/2020-08-01/las-llamas-devoran-el-delta-del-parana-uno-de-los-grandes-humedales-de-argentina.html>>. Acesso em: 07 mar. 2024.

LAS viudas de los jueves. Dirección: Marcelo Piñeyro. Produção: Vanessa Ragone, Gerardo Herrero, Axel Kuschevatzky. Roteiro: Marcelo Piñeyro, Marcelo Figueras. Novela: Claudia Piñeiro. Argentina: Coproducción Argentina-España; Haddock Films, Castafiore Films, Telefé, Tornasol Films, 2009. (123 min), son. color.

LEFEBVRE, H. O Direito à Cidade. Lisboa, Estúdio e Letra Livre, 2012.

LOS decentes. Dirección: Lukas Valenta Rinner. Produção: Lukas Valenta Rinner. Roteiro: Lukas Valenta Rinner, Ana Godoy, Martin Shanly, Ariel Gurevich. Argentina: Nabis Filmgroup S.R.L, 2016. son. color.

MASSUH, Graciela. El robo de Buenos Aires: la trama de corrupción, ineficiencia y negocios que le arrebató la ciudad a sus habitantes. Buenos Aires: Sudamericana, 2014.

"meme", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2023, <<https://dicionario.priberam.org/meme>>. Acesso em 07 mar. 2024.

OLIVOS GOLF CLUB. *Olivos Golf Club*. Argentina: 2019. Disponível em: <<http://www.olivosgolf.com.ar/site/el-club/>>. Acesso em: 07 mar. 2024.

PIÑEIRO, Claudia. *As viúvas das quintas-feiras*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 2007.

PIÑEIRO, Claudia. *Betibú*. Campinas, SP: Verus, 2014.

PINTOS, Patricia. NARODOVSKI, Patricio. (Orgs.) *La privatopía sacrílega. Efectos del urbanismo privado en humedales de la cuenca baja del río Luján*. 1a ed. Buenos Aires: Imago Mundi, 2012

POBLACIONES. Plataforma abierta de datos espaciales de población de la Argentina. Poblaciones. Argentina: CONICET/ODSA, 2023. Disponível em: <<https://poblaciones.org/>>. Acesso em: 27 abr. 2024.

ROJAS, Patricia. *Mundo privado: Historia de vida em countries, barrios y ciudades cerradas*. Buenos Aires: Planeta, 2007.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GÓES, Eda Maria. *Espaços fechados e cidades: insegurança urbana e fragmentação social – 1. Ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2013.*

SVAMPA, Maristella. *La Brecha Urbana*. Buenos Aires: Capital Inletectual, 2004.

SVAMPA, Maristella. *Los que ganaron*. La vida en los countries y en los barrios privados, Buenos Aires, Biblos, 2ª. Ed. 2008.

THUILLIER, Guy. El impacto socio-espacial de las urbanizaciones cerradas: el caso de la Región Metropolitana de Buenos Aires. EURE, Revista Latinoamericana de Estudios Urbanos y Regionales. Vol. XXXI, N° 93, Santiago de Chile, agosto 2005.

TORTUGAS COUNTRY CLUB. TortugasCC. Argentina: Tortugas Country Club, 2022. Country club. Disponível em: <<https://www.tortugascc.com/>>. Acesso em: 27 jun. 2024.

UNA invasión de carpinchos agita la guerra de clases en Argentina: La creciente presencia de estos roedores en la exclusiva urbanización de Nordelta, al norte de Buenos Aires, reaviva las voces a favor de una ley de uso de humedales y desencadena un debate público sobre los privilegios de los más ricos. *El País*, Argentina, 25 ago. 2021. Sociedad, Disponível em: <<https://elpais.com/sociedad/2021-08-25/una-invasion-de-carpinchos-agita-la-guerra-de-clases-en-argentina.html>>. Acesso em: 07 mar. 2024.

UNA semana solos. Direção: Celina Murga. Produção: Juan Villegas. Roteiro: Celina Murga, Juan Villegas. Argentina: Tresmilmundos Cine. Productor: Martin Scorsese, 2010. (107 min), son. color.

VIDAL- KOPPMANN, Sonia. Countries y barrios cerrados. Mutaciones socio-territoriales de la región metropolitana de Buenos Aires. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Dunken, 2014.